

“Saia Vermelha, Camisa Preta. Chegou pra Abalar”: Análise do Videoclipe “Xirley” de Gaby Amarantos.¹

Marcos Antonio LEONEL²

Yuri Gustavo NOGUEIRA³

Daiany Ferreira DANTAS⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

O presente artigo analisa o videoclipe “Xirley” da cantora paraense Gaby Amarantos, um produto da indústria musical, como também, de experimentação estética nas expressões da música e imagem, com a presença do *Kitsch* em diversos elementos. Além de propor uma reflexão sobre o tecnobrega – uma versão contemporânea do brega- e suas influências na construção da personagem e protagonismo feminino de “Xirley”.

PALAVRA-CHAVE: Tecnobrega; Xirley; Cultura da Mídia; Videoclipe; *Kitsch*.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é estudar como o *Kitsch*, como um elemento da cultura da mídia, está presente no videoclipe “Xirley” de Gaby Amarantos, que será o nosso objeto de análise. O videoclipe “Xirley” foi lançado na *web* em outubro de 2011 e hoje já conta com quase dois milhões de visualizações na plataforma Youtube, as imagens exploram um paralelo entre a ascensão da própria cantora que o projeta associando seu

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, email: marcos.leonel1@outlook.com.

³ Co-autor e estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, email: yurinogueira7@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, email: daianyd@gmail.com.

protagonismo no universo tecnobrega paraense, mostrando a presença de objetos e signos de contornos regionais associados ao universo do mundo pop.

O videoclipe reforça seu caráter comercial, não esquecendo que este caráter massivo do videoclipe encontra reverberações de circulação também nas plataformas de compartilhamento de vídeos digitais bem como nos programas de download de músicas. KELLNER (2001, p. 9) afirma que “A cultura da mídia almeja a grande audiência, por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados da vida social contemporânea.”

A mídia cria formas de manutenção das relações de poder vigentes, ao mesmo tempo em que seu estudo crítico desvenda as formas de resistência que o indivíduo pode praticar ao tomar ciência destes mecanismos, se posicionando contra sua redução ao diante da massificação da produção dos bens culturais, parte da lógica de consumo da era do capitalismo industrial. Portanto, a cultura de mídia está pareada com a de consumo. Como podemos observar ao avaliar que:

A constituição da “cultura da mídia” se expressa, portanto, nos sistemas de rádio e reprodução de som (discos, fitas, CDs e seus instrumentos de disseminação, como aparelhos de rádio, gravadores, CD players, etc), nos filmes e seus modos de distribuição (cinemas, videocassetes, apresentação pela TV) e na imprensa (jornais, revistas, internet e televisão). (KELLNER, 2001, p. 12).

A observação de capas de álbuns, encartes, bem como cartazes e *flyers* de shows e eventos, nos fazem ter uma leitura imagética do artista e qual o apelo por ele usado para seduzir seus fãs, exemplo disso é o próprio *Kitsch* presente no videoclipe “Xirley”, é pontual no reconhecimento imagético do gênero musical tecnobrega.

O *Kitsch* aparece aqui como movimento permanente no interior da arte, na relação entre original e banal. O *Kitsch* é aceitação social do prazer pela comunhão secreta com um “mau gosto” repousante e moderado. [...] O *Kitsch* é o modo e não a moda no progresso das formas. (MOLES, 1994, p. 28)

Essas formas simbólicas populares garantiram rejeição ao tecnobrega por parte de grupos culturais hegemônicos, cujos membros lhe dirigem ataques muitas vezes fundamentados em preconceitos de raça e classe, que visam naturalizar as circunstâncias de desigualdade de acesso aos benefícios do consumo. Caracterizam a música brega como tosca, vulgar e de mau-gosto. Entretanto, esse discurso elitizado também exemplifica a degeneração imposta pela vida precária aos subúrbios.

Quando Moles (1994) afirma que o *Kitsch* é um universal da arte, faz com que a relação entre o *Kitsch* e o brega seja ainda mais estreita, o que se enuncia em torno do tema possibilita que se pense recorrentemente em uma música brasileira “de mau gosto” ao lado de uma música brasileira “bem feita” e “original”, mesmo sabendo-se que tal relação é passível de descontinuidades na esfera discursiva.

Encarar o videoclipe como uma performance da canção não significa compreender este audiovisual apenas como uma leitura sinestésica dos sons da canção, mas, sobretudo, entender que, para além das configurações sonoras inscritas nos produtos da música popular massiva, há codificações de gênero e estratégias das trajetórias individuais dos artistas que implicam em determinadas leituras destes produtos.

Para o antropólogo Hermano Vianna, “Xirley”⁵ é um dos produtos mais representativos do tecnobrega dos últimos anos.

Basta ver o videoclipe de “Xirley”, que Gaby postou no YouTube na semana passada, para entender como tudo mudou, e para onde ainda vai mudar, da palafita em direção ao show business do futuro. “Xirley” é um dos melhores clipes de todos os tempos. Há clima de superprodução, direção de arte criativa, muitos atores e figurantes. E parte de uma excelente ideia: a repetição de um mesmo plano sequência, que retrata a ascensão de uma estrela pop da periferia (ou será a ascensão da tal Classe C? ou sonho psicodélico de Mangabeira Unger?), driblando a mídia tradicional (VIANNA, 2011).

Viana exalta o protagonismo de Amarantos tendo em mente três questões: a de classe, com a ascensão da classe C e sua visibilidade na Internet, a parte fílmica do vídeo e, por fim, a mais relevante para este artigo, o uso de elementos do contexto regional como expressão da cena de onde ela emerge: o tecnobrega.

A música brasileira apresenta uma pluralidade de ritmos, estilos e propostas estéticas, resultado de um longo percurso de misturas e influências. Em geral, isso acontece graças a estratégias de visibilidade midiática adotadas pelas gravadoras ou por artistas e bandas ligadas à cena independente que desenvolvem a autogestão de carreira. Fernando Fontanella, em sua dissertação “A estética do Brega: cultura de consumo e o

⁵ O vídeo está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=niGt6fhwMtA>

corpo nas periferias do Recife”, explica que essa nova onda comercial que ele denomina de brega pop tem a cidade de Belém do Pará como berço, brega esse que adotou ritmos mais acelerados e dançantes, adequados aos grandes públicos de origem popular e ao ambiente de aparelhagens.

O brega pop é um estilo nascido nos bairros pobres das grandes cidades, e que por muitos anos sobreviveu exclusivamente nessas periferias, onde se encontravam seus públicos, seus músicos e os espaços onde ele se expressava. Para manter-se, durante muitos anos dependeu exclusivamente de um sistema paralelo de produção e divulgação: o comércio de CD’s piratas nos vendedores ambulantes, as casas noturnas suburbanas, as aparelhagens. (FONTANELLA, 2005, p. 11).

No Norte e Nordeste do Brasil, a música brega – no Norte, principalmente o tecnobrega – são fenômenos muito presentes nas metrópoles dessas regiões, em seu cotidiano, e que mobilizam grandes parcelas de suas populações periféricas de diversas formas: programas de rádio e TV, circuitos de bandas e comércio paralelo de CD’s e shows. No entanto, isso ainda é pouco apropriado pela academia e pela grande mídia.

É importante frisar que o brega pop promove uma “democratização”, pois não há a exigência de um domínio de informações ou de técnicas específicas para a produção artística, praticamente qualquer pessoa pode ser um astro brega pop,⁶ compositores não precisam escrever e cantores não precisam cantar, tanto quanto dançarinos não precisam seguir o padrão imposto pela mídia quando assumem papéis sensuais. Gaby Amarantos é exemplo disso, pois ela sempre dá declarações a respeito do orgulho de seu corpo e quer que suas curvas sejam mostradas e valorizadas.

GABY COMO DIVA – O PROTAGONISMO FEMININO NO TECNOBREGA

Uma das principais artistas do tecnobrega é Gabriela Amaral dos Santos, a Gaby Amarantos. Nascida e criada na periferia de Belém, mais especificamente no bairro de Jurunas. De acordo com as informações divulgadas pelo site pessoal da artista (AMARANTOS, 2016), ela nasceu em 1978, e já possui mais de 15 de carreira, vindo

⁶ brega pop é o termo utilizado pelo pesquisador Fontanella para indicar o amplo escopo do cenário da música brega popular, do qual, neste artigo destacamos o tecnobrega como uma manifestação deste cenário.

de uma família de sambistas.

Desde pequena, já cantava e dançava nas rodas de samba realizadas em casa. Antes de se tornar cantora profissional, Gaby foi coreógrafa de quadrilha, fez cursos de teatro e chegou a fazer pequenas apresentações na comunidade. Aos 15 anos, passou a cantar na igreja católica, mas, por causa das roupas curtas e do excesso de animação, teve que deixar o coro um ano depois. Quando completou 18 anos, começou a se apresentar nos bares da capital paraense, interpretando clássicos da MPB.

Em 2002, Gaby Amarantos formou a banda Tecno Show. À frente do grupo, ela sugeriu introduzir nas músicas *riffs*⁷ acelerados de guitarra brega tradicional com a adição de batidas eletrônicas. Assim a banda aderiu ao ritmo tecnobrega, lançou seu primeiro CD e começou a ganhar destaque, apresentando-se em programas de televisão locais. Dois anos depois, a Tecno Show divulgou seu segundo álbum, o “Reacendendo a Chama”, que contribuiu para ampliar o público da banda e para que ela ultrapassasse a marca de 100 mil cópias de discos vendidos. O grupo lançou ainda um DVD ao vivo gravado em casas de shows tradicionais de Belém. Em 2010, Gaby Amarantos decidiu deixar a banda e se dedicar à carreira solo.

Com o seu primeiro CD gravado na carreira solo “Treme”, Gaby Amarantos teve a canção “Xirley” como primeiro single e carro chefe do seu novo trabalho, “Xirley” foi também o primeiro videoclipe lançado pela cantora.

No videoclipe “Xirley” o protagonismo e a presença feminina da cantora Gaby Amarantos é notável no meio artístico do tecnobrega, pois o brega era formado, predominantemente, por cantores masculinos.

A presença feminina no mercado acompanhou uma série de transformações que aparecem nitidamente nas apresentações das bandas. Paralelamente à criação do tecnobrega, bregamelody, bregapop e outros gêneros, vieram as mudanças nos modelos de negócios e a valorização da produção coletiva. (LE MOS; CASTRO, 2008, p. 81).

Lemos e Castro (2008) acrescentam ainda que Gaby Amarantos chegou a receber o apelido de Beyoncé do Pará, por conta de sua extravagância e seus adereços

⁷ Os riffs de guitarra são simplesmente um padrão de notas que é geralmente derivada de um acorde ou uma escala.
Fonte: www.portalmusica.com.br/como-fazer-riffs-de-guitarra/

que imitam figuras mitológicas, apesar disso, o ambiente brega ainda é muito masculino, donos de aparelhagens, festeiros são predominantemente homens, foram nas bandas que o papel da mulher mudou.

“XIRLEY XARQUE”: O KITSCH NA ESTÉTICA DO VIDEOCLÍPE

Para analisar o videoclipe “Xirley” de Gaby Amarantos dirigido por Priscilla Brasil (XIRLEY, 2011), foi adotada a análise do videoclipe por meio da metodologia proposta por SOARES (2009), que tem como base o conceito de gênero musical. Ele explica como é feita essa produção de clipes, a imagética e o apelo por trás que seduza os fãs.

[...] a imagética de um videoclipe articula pólos de produção de sentido que atravessam tanto as cenografias dos gêneros musicais quanto às trajetórias específicas dos artistas da música pop e que o clipe articula uma composição músico-imagética que se projeta em direção ao público, levando em consideração valores articulados aos gêneros musicais sintetizados na obra audiovisual. (SOARES, 2009, p. 58).

O autor também cita alguns exemplos, como o cinema musical, para retratar esse aspecto de exageros e da aura *Kitsch*⁸, e foi a partir do cinema musical que podemos ver estes mesmos métodos presentes no videoclipe “Xirley”.

[...] o cinema musical evoca o entretenimento a partir da premissa da utopia, dos mundos impossíveis e exagerados [...] Uma frase do diretor de musicais Robert Ziegfeld Leonard parece sintetizar a ânsia em transpor para o cinema todo o universo de glamour das peças da Broadway: “Quando um vestido extremamente extravagante e belo aparece em cena, o teatro inteiro aplaude abertamente. (SOARES, 2009, p. 47).

A personagem “Xirley” interpretada por Gaby Amarantos seria uma espécie de identidade forjada e o videoclipe é um dos instrumentos para que isso aconteça, que mistura vida real e produtos midiáticos.

⁸ O *kitsch* é um termo de origem alemã usado para categorizar objetos de valor estético distorcidos e/ou exagerados, que são considerados inferiores à sua cópia existente. São freqüentemente associados à predileção do gosto mediano e pela pretensão de, fazendo uso de estereótipos e chavões que não são autênticos, tomar para si valores de uma tradição cultural privilegiada. (MOLES, 1994: p. 31)

O videoclipe fornece material simbólico para que indivíduos forjem identidades e modelem comportamentos sociais extensivos aos propostos pelas instâncias da indústria musical. Os cliques seriam, portanto, um dos instrumentais de ensinamento de uma vivência pop, revelando uma maneira particular de encarar a vida a partir da relação deliberada entre a vida real e os produtos midiáticos. (SOARES, 2009, p. 57)

“Xirley” é uma representação do crescimento profissional de Gaby Amarantos com o ritmo tecnobrega, e o enredo do videoclipe mostra história de uma personagem, Xirley Xarque, que tem sua arte e música nascidas na periferia.

O roteiro do videoclipe “Xirley” é dividido em quatro partes, como explica a diretora Priscilla Brasil “A ideia do clipe se originou da música. Quando eu a dividi em trechos, percebi que ela apenas se repetia. Dessa forma, eu quis fazer com que tudo se repetisse dentro da música, mas de uma maneira diferente” (BRASIL, 2012). Esses trechos são identificados no videoclipe.

1º trecho: A personagem “Xirley Xarque” ainda é uma cantora sem espaço e reconhecimento, por isso vai ao encontro de distribuidores informais que tem o papel de produzir o CD/DVD da artista e repassá-lo para os vendedores de ruas, ao longo do clipe vemos “Xirley Xarque” distribuindo seus discos aos vendedores de rua para comercialização, que são os responsáveis pela divulgação da música e o ritmo tecnobrega.



Imagem 1 – Cena do primeiro trecho do videoclipe.

2º trecho: Na sequência as diferenças já são notadas, o figurino da personagem mudou, assim como alguns móveis da casa, exemplo disso é Nossa Senhora de Nazaré que se faz presente durante todo o videoclipe, mas a cada trecho a imagem ganha alguma sofisticação. Nesse trecho “Xirley Xarque” também acaba

“sampleando/roubando” a criação de outro músico, conforme dito na letra da música “eu vou samplear, eu vou te roubar”.



Imagem 2 – Cena do segundo trecho do videoclipe.

3º trecho: Nesse terceiro trecho, acontece uma mudança ainda mais radical, é possível observar um ambiente totalmente novo, alguns discos de ouro na parede, mostrando o sucesso de vendas do seu produto e o seu nome associado a outros produtos.



Imagem 3 – Cena do terceiro trecho do videoclipe.

4º trecho: No quarto e último trecho do videoclipe, o cenário é decorado com muito mais exagero, assim como o figurino da personagem. Na sequência “Xirley Xarque” faz um show numa casa festa de aparelhagem cantando sua música, e também é possível identificar um DJ, que anima a festa de aparelhagem.



Imagem 4 – Cena do quarto e último trecho do videoclipe.

Gaby Amarantos leva a realidade própria de Belém para o restante do Brasil, mostrando suas origens e reconhecendo as ferramentas fundamentais, como os vendedores de ruas, os distribuidores informais, os estúdios domésticos, as aparelhagens, no processo de sua visibilidade midiática no mercado do gênero tecnobrega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O videoclipe analisado serviu para entender como a inserção do tecnobrega na cultura midiática, tendo o protagonismo feminino, a estética Kitsch e as identidades regionais como elementos demarcadores de seu gênero, expressa também um percurso de ascensão associado ao contexto brasileiro de mudanças sociais. O videoclipe “Xirley” que entendemos como uma extensão da canção que o originou, dividido em fases, mostra uma ascensão do tecnobrega, da luta de uma artista, como também de uma classe baixa e periférica chegando a lugares ditos hegemônicos. A estratégia de Gaby Amarantos em colocá-la no cenário musical com o seu primeiro trabalho audiovisual, em seu primeiro disco, mostra como foi sua trajetória na música até o seu grande ápice.

Assim, o estudo demonstra os elementos de uma cultura pop que se mesclam ao popular como cultura da mídia, e sua presença também como ferramenta de resistência de um ritmo musical que se projetou na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTOS, Gaby. **Conheça melhor Gaby Amarantos, a Beyoncé do Pará, que fará participação no show da Orquestra Imperial no Rio.** Garota Fm, 10/06/2010. Disponível em: <<http://garotafm.com.br/2010/06/10/conheca-melhor-gaby-amarantos-ou-beyonce-dopara-que-fara-participacao-no-show-da-orquestra-imperial-no-rio/>> Acessado em 22/05/2016.

AMARANTOS, Gaby. **Treme.** Som Livre, 2012. 1 disco compacto: digital, estéreo.
BARROS, Lydia. Tecnobrega, entre o apagamento e o culto. Revista Contemporânea, v. 1 n. 12, 2009.

BRASIL, Priscilla. **Dichavando o clipe:** “Xirley”. Terra, 18/04/2012. Disponível em: <<http://musica.terra.com.br/lorenacalabria/blog/2012/04/18/dichavando-o-clipe-%e2%80%9cxirley%e2%80%9d/>> Acessado em 22/05/2016.

FONTANELLA, Fernando Israel. **A estética do brega:** cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife. Recife: O autor, 2005.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

KHALIL, Lucas Martins Gama. **A discursivização da música brega em paralelo com o conceito de kitsch.** Porto Alegre: Cadernos do IL, 2012.

LEMOS, Ronaldo; CASTRO, Oona. **Tecnobrega:** o Pará reinventando o negócio da música. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

MOLES, Abraham. **O Kitsch.** São Paulo: Perspectiva, 1994. 4ª. Ed.

SILVA, William Costa da. **Tecnobrega? Prazer, essa é minha cultura!** Belém: XX Prêmio Expocom, 2013.

SOARES, T. **A construção imagética dos videoclipes:** canção, gêneros e performance na análise de audiovisuais da cultura midiática. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (Ufba). Salvador: 2009.

VIANNA, Hermano. **GabyProtasioFela.** Jornal O Globo. 14/10/2011. Disponível em: <http://hermanovianna.wordpress.com/2011/10/22/gaby-protasio-fela/>. Acessado em 22/05/2016.

XIRLEY. Direção: Priscilla Brasil. Belém: Greenvision, 2011. 3 min, color. Disponível em: <https://vimeo.com/30016589>. Acessado em 22/05/2016.